3 1761 07823743 5

Coimbra (Diocese) Bishop,
1893 (Manuel)
Os mosteiros de Lorvão
e de Santa Clara

BX
2629
C6A43

BISPADO DE COIMBRA

OS MOSTEIROS

DE

LORVÃO E DE SANTA CLARA

E O

TEMPLO DA SÉ VELHA

COIMBRA
TYPOGRAPHIA DO SEMINARIO
1893

Off.º o Bispo Conde.

OS MOSTEIROS

DE

LORVÃO E DE SANTA CLARA

E O

TEMPLO DA SÉ VELHA

BISPADO DE COIMBRA

OS MOSTEIROS

DE

LORVÃO E DE SANTA CLARA

E O

TEMPLO DA SÉ VELHA

COIMBRA
TYPOGRAPHIA DO SEMINARIO
1893

BX
2627
C6 A43

MOSTEIRO DE LORVÃO

Ill.mo e Ex.mo Sr.

Tenho a honra de participar a V. Ex.ª que falleceu no dia 3 do corrente a unica Religiosa Professa do Mosteiro de Lorvão d'esta Diocese, D. Luiza de Magdalena Tudella.

Todos os objectos do mesmo convento estão já inventariados ha muito tempo e entregues á guarda e responsabilidade do Parocho da freguezia, José Joaquim da Paixão, e, logo que baixe ordem para se proceder a novo inventario, eu nomearei Clerigo para pela minha parte assistir ao mesmo, como é de direito e estylo.

A Egreja d'este Mosteiro, que é muito importante, está servindo já ha muitos annos d'Egreja parochial, e não pode deixar de continuar a ter o mesmo destino, não só porque a Parochia abandonou e deixou cahir a que tinha e já não tem outra para o serviço parochial, mas tambem porque aquelle magestoso templo, no sitio em que está, não serviria para nenhum outro fim, e, não sendo applicado para este, perder-se-hia de todo, o que seria grande pena.

O resto do Edificio, — uma parte já em ruinas, principalmente as casas annexas, — pouco vale tambem 'naquelle sitio, e para pouco presta.

Ha porém uma outra parte ao fundo da Egreja, e sendo o complemento d'esta — o côro, — que é d'um grande valor por causa das ricas e celebres cadeiras, que tem, de pau preto.

Lembrei-me já em tempo de pedir auctorisação ao Governo para as trazer para Coimbra para prover melhor á sua conservação, e para mais facilmente poderem ser vistas, em razão de não haver estrada, nem esperança, 'naquelle tempo, de que a podesse haver para Lorvão.

Conheci, porém, logo que a minha lembrança era inexequivel, e muito inconveniente. Aquellas cadeiras, 50 por lado, fóra as do tôpo e dos cantos, com os ornatos accommodados a estes, e com 5 metros d'altura pouco mais ou menos, só poderão ser mudadas para uma casa construida de proposito para este fim e com as mesmas dimensões d'altura, largura e comprimento do côro em que estão. Mas, se ellas, sendo separadas umas das outras, ou collocadas em casa sem estas condições, perdem todo o valor e merecimento, perdem-n'o do mesmo modo tiradas do sitio onde estão seja para onde fôr. A Egreja de Lorvão, o côro, as grades e as cadeiras são uma só peça que não pode mutilar-se. Tirada d'esta uma parte, ficaria a outra sem merecimento e valor historico.

Aquellas cadeiras, vistas ao pé d'aquella Egreja, d'aquella grade, d'aquelles claustros, d'aquellas capellas semeadas por toda a parte, e 'naquelle fundo e estreitissimo valle sem horisonte senão o que vae d'elle quasi perpendicularmente para a abobada celeste, elevam-nos e arrebatam-nos o espirito para a contemplação do passado, e para essa força da fé e do sentimento religioso d'outr'ora, que operou todos os prodigios e grandezas que ainda hoje admiramos, e que são a honra e gloria da patria.

Vistas, porém, e examinadas fóra d'aquelle local e d'aquelle conjuncto de preciosidades historicas, que se completam, que se explicam e se realçam umas ás outras, e que nos põem ao vivo deante dos olhos as origens e as causas determinativas d'aquella inspiração e execução artistica, convertem-se em um objecto

todo material e positivo em que se admira o labor artistico e nada mais. Desapparece d'ella a historia, que nos faz remontar o espirito ás ideas, aos costumes, ás artes e aos sentimentos religiosos e patrioticos dos seculos idos.

Todavia, se continuasse a ser quasi inaccessivel o caminho para o Mosteiro de Lorvão, podia justificar-se ainda a mudança d'aquellas cadeiras para outro local para não ficarem ali sepultadas no esquecimento, e sem poderem ser vistas e examinadas, o que motivou a minha lembrança de as querer trazer para esta cidade; mas hoje, que pela estrada quasi concluida para Penacova, e que pelo ramal, que d'ella se vae construir para Lorvão, se pode ir d'aqui ao Mosteiro em menos de 2 horas de carro por uma estrada magnifica á beira do Mondego, e por um valle fertilissimo, cheio de sombras pela sua arborisação e pela altura das collinas que o aformoseam, e que não lhe deixam dar os raios do sol em grande parte do dia, nenhum visitante que venha a Coimbra deixará d'ir a Lorvão para gosar estas delicias e encantos da natureza, e para ver e admirar aquelle monumento venerando da antiguidade a que estão ligadas, alem d'outras considerações historicas, as tradições de quasi todas as Familias nobres e fidalgas de Portugal, por serem d'estas que sahiam as Monjas que por tantos seculos povoaram aquelle Mosteiro.

'Nestas circumstancias, remover d'elle as cadeiras do côro, que são o seu ornato mais precioso e mais admirado, e que mais attrahiria ali os visitantes, importaria o esquecimento e abandono senão a anniquilação quasi de tão veneranda reliquia da opulencia religiosa d'outr'ora, e da influencia que esta exerceu nos habitos e costumes dos povos; e uma tal medida encontraria o desgosto, senão talvez a resistencia, d'esta cidade e dos povos circumvisinhos do Mosteiro.

Deve ser grande o nosso remorso ou antes a nossa vergonha por termos deixado perder, umas vezes, e por termos arrasado e destruido, outras, tantos monumentos e preciosidades historicas das nossas provincias.

E' já tempo de emendar a mão, e de salvar o pouco que ainda resta; e agora, que, pela facilidade e rapidez de communicações, se pode ir facilmente e sem custo a todas as provincias, tirar d'estas para a capital o que pode chamar e attrahir os visitantes para ellas e dar-lhes merecimento e importancia, seria um contrasenso, senão até um grave erro economico e motivo de profundissimo desgosto para as localidades, que se orgulham e gloriam de possuir, desde a mais remota antiguidade, taes prodigios e maravilhas da arte christã.

Proveja-se por todos os modos á sua conservação, mas deixem-se estar onde estão, e onde facilmente podem ser conservadas, visitadas e estudadas.

E, porque as cadeiras do côro de Lorvão não correm perigo de se deteriorarem conservando-se no mesmo côro, e, porque é facil de prever com toda a segurança á sua conservação pelo Parocho e pela Junta de Parochia respectiva, eu tenho a honra de pedir a V. Ex.ª que se digne de permittir que as cadeiras, a que me refiro, continuem a fazer parte da Egreja e côro do extincto Mosteiro de Lorvão. = Deus Guarde a V. Ex.ª = Coimbra, 6 de Julho de 1887. = Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. = Manuel, Bispo Conde.

São passados seis annos, e ainda se conservam as cadeiras no côro do Mosteiro de Lorvão. Graças e louvores ao Governo de Sua Magestade, que se tem dignado attender as minhas humildes ponderações. Coimbra, 20 de abril de 1893. — Manuel, Bispo Conde.

MOSTEIRO DE SANTA CLARA

Illmo e Exmo Sr.

Com grande surpresa e admiração minha recebi ante-hontem o officio, incluso por copia [1], do Director de Fazenda d'este Districto para eu fazer sahir do Mosteiro de Santa Clara a Religiosa e outras Senhoras que o habitam, a fim d'elle poder entregar, como lhe é ordenado, á pessoa que se lhe apresentar auctorisada pelo Ministerio da Guerra, o edificio e cêrca do mesmo Mosteiro com exclusão da Egreja tão sómente.

Por Portaria do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos de 15 de setembro de 1848 foram transferidas as Religiosas do Convento de Sandelgas para o Mosteiro de Santa Clara, ficando in-

---

[1] Exmo e Rev.^mo^ Sr. — Com o fundamento no Decreto de 7 do corrente publicado no *Diario do Governo* n.º 62, me foi ordenado em officio n.º 46:657.—Sendo expedido pela Direcção Geral dos proprios Nacionaes que fizesse entrega, á pessoa que se mostrasse auctorisada pelo Ministerio da Guerra, do edificio e cêrca do supprimido convento de Santa Clara d'esta Cidade, com exclusão da Egreja, e como no indicado edificio ainda se acha recolhida a religiosa de Mosteiro de Sandelgas e bem assim outras Senhoras, tenho pois a honra de rogar a V. Ex.ª se digne providenciar em quanto á sahida das mesmas, para poder ter logar a indicada entrega. = Deus Guarde a V. Ex.ª. = Coimbra, 20 de março de 1888. = Exmo e Rev.^mo^ Sr. Par do Reino, Bispo Conde da Diocese de Coimbra. = O Director, = *José Augusto Pereira Gonçalves.*

corporadas no mesmo Mosteiro e sujeitas á Abbadessa e a todas as obrigações, como se fossem 'nelle professas, diz a mesma Portaria; e conseguintemente, quando falleceu a ultima freira de Santa Clara em 1886, determinou-se por egual Portaria ou officio do Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos que se tomasse conta dos bens privativos do Mosteiro de Santa Clara, mas que a Freira de Sandelgas ainda ahi existente, D. Anna Ermelinda da Conceição, continuaria a viver no Edificio do Mosteiro e na clausura de Santa Clara emquanto fosse viva [1], como era de toda a justiça.

Alem d'esta Religiosa professa, que, segundo já tive occasião de dizer a V. Ex.ª, é uma Senhora digna de todos os respeitos e attenções pelo seu muito juizo, pela sua notavel caridade e pelas suas eximias virtudes, estão tambem na clausura do mesmo Mosteiro 12 senhoras seculares, 6 Pupillas ou meninas do côro e 16 creadas, ao todo 35 pessoas com a Religiosa, como consta da Relação inclusa.

As Senhoras seculares, d'edade de 60, 70 e 80 annos, pagaram todas o piso de 50, 60, 70, 80 e 100$000 réis, quando entraram para o Mosteiro, na esperança de que, pagando por este modo a sua cella, ficavam com o direito de 'nella viverem toda a vida, uma vez que não merecessem o castigo de serem expulsas. Estão no Mosteiro a maior parte ha mais de 20, 30, 40 e 50 annos, e não têem hoje nem familia nem casa para onde vão, e, o que é mais, algumas, nem rendimentos ou meios de que vivam.

São tambem dignas de dó as Pupillas ou meninas do côro, que entraram sem pagamento de piso, e a titulo de fazerem serviço

---

[1] Ponderou-se no Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos que se tinha declarado que a Religiosa se conservaria no convento, não emquanto fosse viva, mas emquanto se lhe não desse destino. — M., Bispo Conde.

no côro, uma de 34 annos de edade e 14 de convento, outra de 44 de edade e 18 de convento, outra de 35 de edade e 5 de convento, outra de 24 de edade e 2 de convento, outra de 15 de edade e 1 de convento, outra de 42 de edade e 6 de convento. Nenhuma d'estas tem meios alguns, e nem podem ir para as suas Mães aquellas que as têem, por serem estas muito pobres. Tambem não é melhor a sorte d'algumas das creadas, velhas, doentes, sem cousa alguma de seu, e vivendo ali das esmolas que lhes davam as Senhoras recolhidas.

Nenhumas d'aquellas Senhoras se lembraram nunca da possibilidade de serem obrigadas a sahir do Mosteiro, porque, fiadas na Palavra Real por tal modo dada 'naquelles documentos, julgavam mais que garantida a sua conservação 'nelle, emquanto fosse viva a actual Religiosa; e, para depois da sua morte, não julgavam tambem que teriam de sahir aquellas que lhe sobrevivessem, por ter constado sempre que, sendo de grande necessidade conservar na capital da Diocese pelo menos uma casa ou Recolhimento, onde, embora sem votos, podessem recolher-se as Senhoras cahidas em pobreza ou desgraça, e que por qualquer motivo não podessem viver na sociedade com decencia e sem vergonha, seria para este fim escolhido o Mosteiro de Santa Clara, como o mais proprio por todas as razões para prover de remedio a esta grande necessidade social; e ainda ha pouco tempo se mostrou bem quanto esta idea estava no animo e no espirito da gente de Coimbra, ainda a mais liberal e avançada.

Considerações tambem d'outra ordem militam em favor d'ella. É bem sabido que o Mosteiro de Santa Clara é dos mais considerados e mais nobres de todo o Reino, por se guardar 'nelle ainda hoje o corpo da Rainha Santa Isabel, Padroeira de Coimbra e Gloria de Portugal.

Nenhuma clausura foi acatada com mais alto respeito e mais

religioso escrupulo, e nenhumas religiosas Portuguezas tiveram mais honras e privilegios, por serem Damas de Honor da Santa Rainha e guardas do seu tumulo.

Jámais vem a Coimbra alguma Pessoa Real que não vá orar junto d'este, que só 'nessas occasiões se abre com as tres chaves, uma em poder de El-Rei, outra do Bispo e outra das Freiras; e só ás pessoas Reaes e ás suas comitivas e ás Freiras é permittido beijar a mão da preclarissima Rainha. Não ha ninguem que se não commova em presença d'esta cerimonia.

E o povo de Coimbra, que tanto se regosija e ufana com estes cultos tão sublimes prestados á sua Santa Padroeira, e com as festas que lhe fazem, conhecidas e afamadas em todo o Paiz, teria grande desgosto e mal poderia conter a sua dôr e a sua indignação, se visse deserto e abandonado o tumulo da sua Rainha, e tido em menos guarda e em menos santo recato este gloriosissimo brasão da sua terra.

E como não se maguariam tambem Sua Magestade El-Rei e Sua Magestade a Rainha, que tanto se têem commovido junto d'elle, como já tive a honra de presenciar, se vissem do mesmo modo que era tido em menos conta, e se profanava por qualquer fórma, o preciosissimo corpo e a santa e veneranda memoria de Sua Avó e que se ia deixar esmorecer e apagar o brilho d'este esplendor, mais que todos refulgente e abençoado da Sua Corôa?

Vamos deixando perder e cahir em abandono pouco e pouco muitas glorias e grandezas da patria, muitos monumentos e tradições nobilissimas que tornaram respeitado de todo o mundo o heroismo portuguez, e que lisongeiam e sustentam ainda hoje o orgulho nacional.

Não desrespeitemos nem deixemos abandonar e perder esta, que prende na fé e no sentimento religioso do Paiz, que esparge ainda agora nos Paços dos nossos Reis e nos mantos e arminhos

da realeza os doces perfumes da virtude e da santidade, e que symbolisa no mais subido grau, e com os mais edificantes exemplos, o amor da religião, o amor da familia, o amor do proximo e o amor da patria.

Não estavam no caso do Mosteiro de Santa Clara, e nem com elle tinham similhança, os Conventos de Sant'Anna d'esta cidade e o de Sá d'Aveiro, ambos muito velhos e em ruinas e com uma só Religiosa cada um. E todavia, quando o Governo de Sua Magestade, obrigado por grande necessidade publica, quiz aproveitar os seus edificios ou o terreno e cêrca d'elles para outros destinos, pediu antes de tudo a minha informação, averiguou a possibilidade e modo de transferir d'elles para outros conventos as Religiosas e pessoas que os habitavam, e não deixou de prover á sorte das Religiosas transferidas, como era indispensavel.

Como é pois que, sem se fazer agora nada d'isto, e sem se attender ás especialidades que se dão no Mosteiro de Santa Clara, como acabo de expôr, se me manda por um Empregado da Fazenda, sem mais nem menos, que faça eu sahir do Mosteiro a Religiosa e as mais Senhoras que o habitam, para se fazer entrega d'elle a um commissionado do Ministerio da Guerra?

Fazer sahir a Religiosa e as Senhoras ou Pupillas que estão com ella; para onde, por que modo, e em que condições?

E, visto que se prescinde até de toda a attenção e accordo previo com ellas, contra tudo o que se tem feito, ha de violar-se a clausura, e entrar-se no Mosteiro para as arrastar á força e sacrilegamente cá para fóra?

Hão de lançar-se á rua, á miseria e á desgraça, sem dó nem compaixão, essas piedosas e infelizes mulheres que se debulhariam em lagrimas, abraçadas ás portas e ás paredes das suas cellas, e que certamente succumbiriam, algumas, nos braços de quem as violentasse a deixal-as por tal fórma, e a separarem-se d'ellas?

Alem d'isso o tumulo da Rainha Santa não está na Egreja, e nem d'esta ha communicação para elle: está no Mosteiro e dentro da clausura; e, dizendo o Director de Fazenda do Districto, como diz, que se deve entregar tudo com exclusão da Egreja, ha de entregar-se tambem aos soldados o tumulo da Santa Rainha, e o côro e sanctuario em que elle está?

Hão de os soldados, e os soldados criminosos que forem para o presidio ali estabelecido, substituir as Religiosas na guarda do mesmo tumulo?

Ha de entregar-se a elles, ou tirar-se do seu logar o corpo da Santa Rainha, que os nossos Reis, a nossa Familia Real, os Imperadores e Principes do Brazil, têem visto e adorado sempre 'naquelle sanctuario de tanta piedade e devoção, e que a todos infunde o mais alto respeito e a mais profunda commoção religiosa?

Por tudo isto parece-me que, no officio que recebi do Director de Fazenda, ha algum engano ou equivoco, porque V. Ex.ª certamente não quer, não auctorisou, e não approvou similhante procedimento, tão injustificavel e tão em desaccordo do que se tem observado e praticado sempre; e tanto isto me parece, que me abstenho de fazer outras considerações que tal officio me suggere, e que muito me desconsolam e magoam.

Em todo o caso peço a V. Ex.ª que se compadeça d'aquella Religiosa e mais Senhoras que habitam no Mosteiro, e que não cessam de chorar noite e dia com a noticia de tão extraordinaria e cruel medida. Veiu aqui hontem o Capellão duas vezes pedir-me, banhado em lagrimas, que lhes valha e acuda, e que não as empurrem assim tão apressada e impiedosamente para a sepultura.

V. Ex.ª, que tão solemnemente prometteu áquella Religiosa que ella se conservaria no Mosteiro em quanto vivesse, não ha de permittir agora que se pratique similhante crueldade, ou que

se ande aos baldões com o corpo da Rainha Santa, o que esta cidade não poderá tolerar.

Em janeiro de 1885 instava commigo o Governo de Sua Magestade, particular e officialmente, para que transferisse sem demora a Religiosa do Convento de Sant'Anna d'esta cidade para o Collegio Ursulino, a fim de se mudar quanto antes para o convento o Quartel de Infanteria N.º 23, que não podia por modo nenhum continuar a estar no Quartel da Graça por mais tempo.

Por comprazer com a vontade do Governo pude conseguir esta transferencia d'accordo com a Religiosa, mas ainda assim não me resultaram d'ella poucos trabalhos, desgostos e arrependimentos. Fiz logo a entrega do Convento, já de todo desoccupado, e já lá vão quatro annos sem que lhe tenham dado destino algum, sem que o corpo tenha sahido do Quartel da Graça, e sem que se olhe para a deterioração do Convento de Sant'Anna, cada vez maior, com as portas e janellas abertas a bater com o vento, e com a chuva a entrar por toda a parte, e com tudo a escalavrar-se e a perder-se.

Querer-se-ha que venha a acontecer o mesmo ao venerando Mosteiro de Santa Clara?

Peço muito encarecidamente a V. Ex.ª que tal não aconteça.

Tenho mostrado sempre quanto me empenho pelos melhoramentos e engrandecimentos de Coimbra, e quanto procuro auxilial-os pela minha parte, e condescender até onde for possivel com as vistas e emprehendimentos do Poder Temporal para a sua realisação. Mas é sempre necessario que se respeitem os direitos adquiridos, que não se violem as coisas santas, e não se offendam nem o sentimento religioso dos povos, nem as tradições nobilissimas da patria. = Deus Guarde a V. Ex.ª = Coimbra, 22 de Março de 1889. = Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secre-

tario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e de Justiça. = MANUEL, BISPO CONDE.

No 1.º d'Abril seguinte participou o Governo de Sua Magestade que, em vista das razões allegadas 'neste Officio, tinham sido expedidas as ordens para ser suspensa a execução do Decreto de 7 de Março anterior para se dar posse do Mosteiro de Santa Clara de Coimbra ao Ministerio da Guerra; o que muito louvei e agradeci em Officio de 7 do referido mez de Abril.— M. BISPO CONDE.

SENHOR:

Sei que pelo Ministerio dos Negocios Ecclesiasticos ou da Fazenda se têem concedido prestações mensaes, e ainda não ha muito tempo, ás Pupillas ou Senhoras Seculares d'alguns conventos extinctos, como é de toda a equidade em relação áquellas que pagaram os respectivos pisos na entrada para a clausura, e que, tendo 'nesta envelhecido, não tiverem agora para viverem no seculo nem familia, nem meios, nem vigor para os obterem com o seu trabalho.

E, todavia, e a despeito de se terem extincto alguns Conventos 'nesta Diocese com Pupillas 'nestas circumstancias, eu ainda não pedi nem informei Requerimento nenhum a pedir prestação alguma para ellas ao Governo de Vossa Magestade, porque, embora tenha muita pena d'estas infelizes, ponho acima dos impulsos do meu coração o dever, que ora a todos corre, de não aggravarem mais o Thesouro com as suas exigencias nas circumstancias em que infelizmente nos achamos.

Movido, porém, não tanto por caridade e compaixão, como por sentimentos de justiça e apuros de necessidade, não posso deixar de fazer excepção para duas Pupillas ou Senhoras Seculares, D. Maria da Conceição e D. Maria Vicencia Marques Nazareth, que

se conservam no Mosteiro de Santa Clara, guardando e velando o tumulo que tem o corpo da Rainha Santa Isabel, Augusta Avó de Vossa Magestade, Excelsa Padroeira de Coimbra, honra e orgulho d'esta cidade e lustre e gloria da Nação Portugueza e de toda a Peninsula!

Como Vossa Magestade tem visto, e é bem sabido, este santo e precioso Thesouro está dentro do Mosteiro e da clausura, e no côro alto que dá para a Egreja, mas sem communicação alguma para ella; e é tal o recato e devoção com que se guarda, que só na presença d'alguma Pessoa da Familia Real, do Bispo da Diocese e da Abbadessa do mesmo Mosteiro, podia ser visto e aberto, — abertura a que só podiam assistir as comitivas Reaes e as pessoas a quem Suas Magestades ou Suas Altezas concediam essa graça ao entrar na clausura com o Prelado Diocesano. E agora mesmo, que infelizmente já ali não ha Religiosas, vou eu, não abril-o, mas apenas mostral-o ás muitas pessoas que o desejam ver, e implorar ajoelhadas junto d'elle a protecção da Santa Rainha.

Entre tantas manifestações do sentimento religioso e da piedade dos nossos Augustos Monarchas e do Reino Fidelissimo, a historia ha de registar sempre como profundamente commoventes as que se observam na abertura d'aquelle venerando sarcophago, em que estão, com o corpo da Padroeira de Coimbra, a fé e a devoção d'um povo inteiro.

Pena é que este não tenha visto e admirado, como eu, o respeito, a piedade, a concentração religiosa e a fé com que, mediante as devidas formalidades e preparações liturgicas, têem ajoelhado e subido os degraus d'aquelle tumulo para beijarem a Mão da Santa Rainha, por entre o que ha de mais sublime e

consolador para a alma e para o coração, Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz Primeiro, Sua Alteza o Senhor Infante Dom Augusto, e Suas Magestades os Imperadores do Brazil, todos de saudosissima memoria; e Suas Altezas os Senhores Condes d'Eu, ora vivendo no exilio, e finalmente Vossa Magestade, Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Amelia, Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia, ora felizmente reinantes e que Deus Guarde por muitos annos; e tornam este quadro ainda mais edificante e commovente o lustre e magnificencia das respectivas côrtes e comitivas, que egualmente e com o maior respeito beijam a Mão da Illustre Princeza, que trouxe da Provincia do Aragão para a Corôa de seus Augustos Amos as joias que 'nesta fulgem com maior esplendor.

Nem se diga que, em razão de ter sido extincto o Mosteiro, deve passar para a Egreja publica o tumulo e o corpo da Santa Rainha. Alem do perigo e risco que pode haver na sua mudança para outro sitio, a sua collocação em um logar publico e á vista sempre de todos, não só lhe faria perder muito da sua piedade e grandissima devoção, mas expol-o-hia ás tentações das almas piedosas para d'elle tirarem reliquias que muito o damnificariam, e que a experiencia tem mostrado já que não são faceis de evitar.

E como se havia de abrir o tumulo para as Pessoas da Familia Real beijarem a Mão da Sua Augusta Avó, quando vierem a Coimbra, estando elle em um altar ou em outro logar da Egreja? Ou se havia d'abrir tambem para todos os fieis, como não poderia deixar de ser, e 'neste caso o contacto demorado do ar, e a soffreguidão piedosa de quererem tocar contas e outros objectos na Mão da Santa Rainha, como eu tenho observado, prejudical-a-hia muito; ou acabaria para as Pessoas Reaes esta edificante

ceremonia e religiosissimo testemunho do Seu respeito e piedade para com a Sua Santa Progenitora, o que não pode ser, e nem o poderiam tolerar Vossa Magestade, Sua Magestade a Rainha e a cidade de Coimbra, porque não tolera nada que vá d'encontro aos cultos da sua Santa Padroeira e especialmente aos que vêm aqui prestar-Lhe os nossos Augustos Soberanos, e com os quaes ella tanto se edifica e desvanece.

Está ainda presente na minha lembrança, e jámais se apagará d'ella, a commoção tão visivel que Sua Magestade a Rainha experimentou com esta tocantissima ceremonia no recato e silencio d'aquella clausura, e dentro d'aquellas paredes perfumadas e sanctificadas ainda com o incenso e com as orações que d'este recinto sagrado faziam subir de contínuo para o ceu as Monjas e Esposas do Senhor, que velavam e alumiavam constantemente o tumulo da sua Santa Rainha com os extremos da sua fé e com as chammas do seu amor divino, sem que nunca até agora o fizessem apagar nem as evoluções sociaes, nem as paixões dos homens, nem o furor das revoluções, porque tudo isto se rendia perante aquelle symbolo de paz e iris de bonança, que era penhor seguro d'auxilio divino para todos os infortunios, e exemplo sublime de bondade e ternura para todos os corações, de abnegação e pureza para todas as almas, e de caridade e compaixão para todas as desgraças.

E não foi só de momento e passageira a commoção a que me referi, porque tenho visto e admirado posteriormente, e cheio de consolação, a piedade e enternecimento com que Sua Magestade falla d'esta Sua Santa Antecessora, e o interesse que tem por tudo quanto Lhe diga respeito. Pelo que será impossivel que afrouxe o fervor pelo seu culto, ou a veneração pelo seu tumulo e pela sua memoria no reinado de tão Digna Herdeira da Sua Corôa e das suas virtudes.

Depois do fallecimento da ultima Religiosa do Mosteiro foi este concedido por Decreto de 7 de Março de 1889 ao Ministerio da Guerra para o estabelecimento 'nelle de um presidio militar, segundo se disse, mas conheceu-se logo que o corpo da Santa Rainha nem devia tirar-se d'onde estava, nem ser entregue á guarda da soldadesca, o que em Coimbra principalmente causaria profundissimo desgosto, e alarmantes manifestações d'elle; e o Governo de Vossa Magestade, informado de tudo isto pelo meu Officio de 22 do referido mez, suspendeu logo a execução do mesmo Decreto, o que muito agradeci no meu Officio de 7 de Abril seguinte.

As difficuldades, em que tem andado envolvido o Governo de Vossa Magestade, não têem permittido dar destino ao Mosteiro com a acommodação 'nelle d'algumas Senhoras religiosas, piedosas e devotas, que guardem e conservem tão sagrado deposito, como é de absoluta necessidade, e como são os votos de toda a Coimbra; e as duas Pupillas, a que já me referi e que têem até agora prestado este bom serviço com tanto zelo e fidelidade, não podem continuar a prestal-'o e a viver no Mosteiro sem que alguem as soccorra, por serem muito pobres.

E não é digno nem decoroso que o Estado, que recebeu do Mosteiro de Santa Clara, e do de Sandelgas incorporado 'nelle, tantos valores e rendimentos, consinta que se recorra á caridade particular para soccorrer dentro do Mosteiro aquellas duas Senhoras, que estão ahi velando pelo tumulo e corpo da Rainha Santa,—encargo e dever que pertence ao Estado, por ter recebido os bens que eram destinados ao cumprimento d'elle.

Por tudo isto, Senhor, tenho a honra de pedir a Vossa Magestade que Se Digne de Mandar dar pelo Thesouro áquellas duas

Senhoras a mensalidade de 7:200 réis, pelo menos, a cada uma provisoriamente, emquanto se não der destino ao Mosteiro. Não é muito o que peço, e nem este pedido, que é mais o d'uma restituição e d'um dever de justiça que o d'uma obra de caridade, pode aggravar as nossas finanças. E, se não obstante estas, se tem subsidiado pelo Thesouro algumas Senhoras Seculares ou Pupillas d'outros Conventos extinctos, seria grande o meu desgosto se não fosse deferido o meu pedido para as do Mosteiro de Santa Clara, o qual se funda em outra ordem de considerações, todas de justiça, de equidade e de decoro nacional.

Mas, Senhor, não basta só conservar e recatar o corpo da Santa Rainha dentro do Mosteiro. E' necessario preservar este dos grandes estragos que lhe estão causando, em umas partes, as aguas das chuvas infiltrando-se nos terraços mal bitumados, e, 'noutras, as heras e as silvas cobrindo e damnificando já a cantaria d'esta fabrica grandiosa e sumptuosissima, que nos está dizendo constantemente do alto d'aquella collina o que foi outr'ora o nosso animo e a nossa fé.

Com 100$000 réis, porém, em cada anno bem administrados poder-se-hão ir evitando estes estragos, ora concertando telhados, ora bitumando terraços, ora fazendo as limpezas mais indispensaveis; e eu tenho a honra de pedir a Vossa Magestade que Se Digne de Conceder pelo Thesouro esta quantia, embora, se infelizmente tanto for necessario, seja deduzida *pro rata* da dotação concedida para a conservação dos outros monumentos nacionaes que não estiverem tão necessitados.

E como poderão recusar-se estes magrissimos vintens para um fim tão justo, e que tanto affecta os nossos brios e as paginas gloriosas da nossa historia, quando se tem visto gastar rios de

dinheiro, — centos de contos, — mesmo ao pé do Mosteiro em uma Quinta do Estado, chamada regional e que já para pouco serve?

Emendemos a mão, olhando tambem para o Mosteiro, para que as larguezas, que têem havido com a tal Quinta, contrastando singularmente com o abandono, pobreza e miseria d'aquelle, não mereçam castigos maiores ainda pelos erros que temos commettido em tanto desprezarmos nos esplendores da civilisação os esplendores da fé.

Senhor! Se não podemos conquistar o respeito das outras nações com os nossos territorios, com os nossos exercitos e com o nosso ouro, façamos ao menos por conquistal-'o com as nossas virtudes civicas e christãs, e com o nosso culto e veneração pelas tradições gloriosas do nosso passado, porque não as têem maiores os outros povos. Não lancemos, pois, ao desprezo as que nos vêm da Rainha Santa Isabel, que tanto enalteceu a nossa patria e a bandeira das quinas com a sua vida e com os heroismos da sua virtude.

Ainda no mez passado um cavalheiro muito distincto de Madrid e grande summidade litteraria no seu paiz [1] veiu visitar o tumulo de

---

[1] Ex.mo Sr. Doutor Antonio Sanchez Moguel, Lente Cathedratico da Universidade Central de Madrid, da Real Academia de Historia, e Director litterario da *Illustração Hespanhola e Americana*. É um Cavalheiro de grande erudição, e respeitabilissimo tambem pelo seu caracter e pelos seus sentimentos religiosos. Na Universidade, na Academia, no Atheneu e na Imprensa trabalha o sr. Sanchez Moguel ha muitos annos pela fraternidade historica a litteraria de Hespanha e Portugal, e o Governo Portuguez faz tanta justiça á sua probidade e honradas intenções 'nestes trabalhos, e á sua constante consi-

Santa Isabel, que eu lhe fui mostrar; e muito foi para ver e admirar como ajoelhou e orou junto d'elle, tal é a devoção que ha em toda a Hespanha por esta Santa Rainha de Portugal. Se o encontrasse em abandono e despreso, iria, indignado e com razão, dizer no seu paiz que é já tal a nossa decadencia religiosa e patriotica, e tal a nossa indifferença pelas honras e glorias da nossa patria, que nem já guardamos e conservamos, não os ossos e as cinzas dos heroes que nol'as conquistaram, mas o proprio corpo da Santa e milagrosa heroina, que, tendo sabido converter as rosas em ouro com a sua caridade e os furores da guerra em delicias da paz com as doçuras do seu amor de familia, engastou na Corôa e na historia de Portugal esse brilhantissimo resplendor de virtudes e de santidade, que nem os seculos nem as vicissitudes humanas jámais poderão apagar.

Pozeram-se inscripções ainda não ha muitos annos na casa em que se suppõe que Ella nasceu na Provincia do Aragão, e cercam este abençoado alcaçar de continuos respeitos e venerações a fé e a piedade hespanhola; e nós, que temos a fortuna e a gloria de possuirmos o seu proprio corpo na mais bella provincia de Portugal, havemos de andar com elle aos baldões, ou deixal'o ao abandono e ao desprezo, que provocaria contra nós as iras do Ceu e os protestos do sentimento religioso de toda a Peninsula, agora principalmente que fortalecem muito este os bons exemplos das

---

deração pelo nosso paiz, que o nomeou Jurado de Portugal na Exposição Historica e Europea, sendo o primeiro Hespanhol que em nossos dias teve na sua patria representação portugueza; confiança e graça esta que veiu agradecer a Lisboa, onde recebeu de Sua Magestade El-Rei, do Governo e dos nossos homens mais importantes as maiores provas de respeito e veneração. O sr. Dr. Moguel é condecorado com a Commenda de S. Thiago e com a Grã-Cruz de Christo e da Conceição de Portugal.

duas côrtes de Portugal e Hespanha, uma firmando cada vez mais o seu Throno no grande esteio das suas virtudes e do amor do seu povo, e outra mostrando ao mundo quanto pode na arte de governar o juizo, a ternura e a caridade d'uma Senhora ?

Que diria de nós depois a historia, se comparar tal abandono e desprezo com o grande zelo e empenho que têem tido todos os Reaes Antecessores de Vossa Magestade em honrar e exaltar a Rainha Santa Isabel, ora vindo assistir ás suas festas como Vossa Magestade e Sua Magestade a Rainha Se dignaram de fazer ainda no anno passado, ora expedindo Cartas Regias, Decretos e Portarias aos Bispos de Coimbra, ao Cabido, á Universidade e ao Senado para se concederem ao seu Mosteiro os maiores privilegios e immunidades, e para se dar ao seu culto a maior pompa e esplendor!

E' hoje geralmente reconhecido que as difficuldades governativas dos Estados vão subindo na proporção que vão descendo e afrouxando as crenças religiosas e moraes, e este afrouxamento e, por consequencia, os males que d'elle derivam, hão de ser cada vez maiores se os povos virem que os poderes publicos abandonam a religião, e não fazem caso das cousas santas, que mais podem alimentar-lhes a devoção e a piedade.

Não ponhamos, pois, em pouco e não deixemos esfriar o culto e devoção que ha pela Rainha Santa, e que traz aqui ás suas festas milhares e milhares de romeiros, como Vossa Magestade já viu.

Evitemos a todo o custo que se arruine mais o Mosteiro, que guarda o seu corpo milagroso 'nestas formosas e encantadoras margens do Mondego, que foram o jardim da sua fé, muitas vezes regado com as suas lagrimas, e cultivado e santificado sempre com o fervor das suas orações; e arredemos para longe de nós

a vergonha de deixarmos extinguir 'nelle a flor de todas a mais bella, que desabrochou e floriu em terras portuguezas, e cuja fragrancia e doce perfume se derrama ainda hoje em todo o orbe catholico,—nos templos do Senhor, nos Paços dos Reis, nos palacios dos ricos e nos tugurios dos pobres.

Com a illustração e piedade que tanto esmaltam a Coroa Portugueza, Dignou-Se Vossa Magestade de Attender as supplicas que tive a honra de fazer a Vossa Magestade, ha pouco tempo ainda, para se acudir aos estragos e ruinas que a acção do tempo estava causando no antiquissimo templo da Sé Velha d'esta cidade. Digne-Se Vossa Magestade de Attender, egualmente Benigno, as que tenho a honra de fazer hoje, e não menos instantes, para se acudir a identicos estragos e ruinas no Mosteiro de Santa Clara, o mais venerando de Portugal, porque, se não guarda, como o templo da Sé Velha e outros, as bellezas e reliquias da arte christã nos seculos da sua maior florescencia, guarda com toda a grandeza e com todos os primores artisticos do seculo XVII uma Santa Reliquia, como não guardam nenhuns outros, e que tem sobre todas o mais incomparavel valor para o coração de Vossa Magestade e para o de todos os portuguezes que amarem a religião e a patria.

Senhor. Por muitas vezes, mas principalmente antes de me sentar na cadeira episcopal d'esta Diocese, fui ao Mosteiro de Santa Clara pedir á Santa Rainha, Padroeira e Protectora de Coimbra, que protegesse tambem o seu novo e humilde pastor; que lhe fortalecesse o animo abatido, e que lhe obtivesse auxilios e graças do Ceu, que supprissem a sua falta de virtudes e merecimentos para desempenhar dignidade tão sublime em uma Egreja a que os seus Venerandos Antecessores tinham dado tanto lus-

tre e tanta gloria. E a confiança, que tenho posto sempre na sua intercessão, levantando-me o espirito e socegando-me a consciencia, é a força e a esperança que me conforta e sustenta nas pelejas constantes do *bom combate*.

Não sou, porém, eu só que tenho estes motivos de louvor e particular devoção para com a Santa Rainha: tem-nos tambem e por toda a parte aquelles a quem Ella tem servido egualmente de consolação e amparo nas suas necessidade e afflicções.

Imploremos tambem esta valiosa protecção para os infortunios e afflicções da nossa querida patria, por meio do deferimento das supplicas que tenho a honra de fazer a Vossa Magestade, não movido por devoções particulares de ninguem, mas obrigado por motivos de justiça e de decoro publico que reclamam o remedio urgente d'uma grande necessidade religiosa e patriotica.

E a Santa Rainha, que nunca deixa sem recompensa o que por Ella fizerem na terra, não deixará de interceder e orar no Ceu cada vez mais pelo Reino Fidelissimo que tanto amou, e pelos Seus Regios Descendentes e nossos Augustos Soberanos, a Quem tanto parece guiar os passos no Seu louvavel empenho de Lhe honrarem a coroa e abençoarem o tumulo. = Deus Guarde a Vossa Magestade por muitos annos, como Portugal ha mister. = Coimbra, 15 de Março de 1893. = Manuel, Bispo Conde.

O nobre Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria, em vista d'este Officio, expediu a seguinte Portaria:

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria — Direcção dos

serviços de Obras Publicas — 1.ª Repartição—Estradas, obras hydraulicas e edificios publicos.—Sua Magestade El-Rei ha por bem determinar que a conservação do edificio do Convento de Santa Clara, em Coimbra, fique, provisoriamente, a cargo da Commissão, que, por Portaria de 16 de Janeiro ultimo, foi encarregada da limpeza, conservação e restauração do templo da Sé Velha, na mesma cidade, podendo a mesma Commissão dispender annualmente com aquelle trabalho até á quantia de 100$000 réis. = Paço em 28 de Abril de 1893. = *Dr. Bernardino Luiz Machado Guimarães.* = Para o Excellentissimo e Reverendissimo Bispo Conde.

Lisboa, 20 de Março de 1893.

Reverendissimo Bispo Conde.

Acabo de saber que a vinda a Lisboa do Bispo Conde refere-se a um negocio que altamente me interessa, visto tratar-se do Mosteiro de Santa Clara.

Alli, 'naquelle Claustro, dormem os restos sagrados de Isabel, da Rainha Santa, que um dia tive a felicidade de poder contemplar e venerar.

Ouvi que as recolhidas, ou pupillas, a quem é confiada a honra de vigiar o tumulo da Santa, estão na maior miseria em consequencia da morte da ultima freira, e que para ellas poderem viver e não abandonarem o encargo a ellas transmittido por tantos seculos de devoção, teve o Bispo Conde de fazer um requerimento pedindo ao Governo uma mensalidade de 8$000 réis para cada uma das respectivas senhoras. Tambem sei que o Mosteiro carece de reparações urgentes, e que tanto para estas como para trabalhos annuaes, indispensaveis para não deixar cahir tudo em ruina, nem um real existe.

Tenho fé e confiança que a minha profunda e humilde devoção pela Rainha Santa me permitte vir offerecer a minha cooperação em tudo que poder ajudar a perpetuar o seu culto.

Se, pois, o Bispo Conde encontrar qualquer difficuldade em obter tanto as mensalidades para as recolhidas como a somma annual de 100$000 réis, que me dizem ser o indispensavel para as obras do Convento, terei o maior gosto em pôr ambas estas quantias á sua disposição.

Peço-lhe que veja 'nisto, além da minha veneração para com a Santa Padroeira de Coimbra, um testemunho, aliás bem pequeno, do respeito e digo tambem da veneração que tenho pelo Bispo da antiga Cidade.

Peço-lhe, Reverendissimo Bispo Conde, me creia sempre sua muito affeiçoada,

Amelia.

SENHORA:

Quem tiver conhecimento das obras de caridade, que Vossa Magestade está praticando todos os dias com tanta abnegação e humildade christã, já não pode admirar senão como continuação d'estas cada vez maior a carta que Vossa Magestade Se Dignou escrever-me de Seu proprio punho, para me dizer que, se não poder ser deferido o meu pedido para se guardar o tumulo e conservar o Mosteiro da Rainha Santa Isabel, terá Vossa Magestade muito gosto em pôr á minha disposição as quantias annuaes que fui pedir ao Governo para uma e outra cousa.

Todavia esta carta, que eu peço a Vossa Magestade me permitta publicar, inunda de gratidão, de santas alegrias e de consoladoras esperanças o meu coração de Bispo catholico e cidadão portuguez; porque ella não é sómente um testemunho da muita piedade e devoção de Vossa Magestade para com a Santa Rainha: é tambem um grande exemplo de amor da religião e da patria, e que, 'nestes nossos dias de tanto egoismo e de tanto decahimento religioso e patriotico, faz tanto bem ás almas, ás consciencias e aos corações, como faz no estio o orvalho da manhã aos terrenos resequidos pelo leste.

Pois, quando um povo tem a fortuna de ver estes exemplos no throno da sua patria, insensivelmente se vae rendendo á influencia salutar que elles exercem na sua fé e nos seus costu-

mes; e, se outr'ora uma Rainha portugueza poude applacar as guerras e mover os belligerantes á piedade, com a pratica das suas virtudes, com as bondades do seu coração e com a lição constante dos seus exemplos, ha de Deus permittir que possa hoje tambem outra, com os mesmos processos, em que tanto se desvela, promover a regeneração dos nossos costumes, e levar-nos para o viver religioso e christão, que foi no passado a origem da nossa grandeza, e que ha de ser ainda no futuro a taboa da nossa salvação.

E os factos, Senhora, hão de ir mostrando que não são vans estas esperanças, assim como mostraram já, e muito depressa, que eu não me enganei, quando escrevi ha pouco que a devoção pelo culto e o respeito pela memoria de Santa Isabel não decahiriam no reinado d'uma Herdeira tão Digna da sua Corôa e das suas virtudes.

Felizmente, Senhora, os actuaes Conselheiros da Corôa deferiram as minhas supplicas prompta e generosamente, como é proprio dos seus grandes talentos e do seu alto respeito pelas tradições e glorias da nossa patria; mas nem por isso é menor o fructo do exemplo que Vossa Magestade acaba de dar, nem menos funda a minha gratidão e a d'esta cidade pela Regia Munificencia e piedosa devoção de Vossa Magestade para com a nossa Santa Padroeira.

Não fica, porém, ainda aqui o motivo da gratidão de que vim agora de Lisboa tão possuido para com Vossa Magestade.

Tenho-me abstido sempre de pôr nas Regias Mãos de Vossa Magestade os memoriaes de alguns infelizes, que pretendem implorar com a minha intervenção a caridade de Vossa Magestade para as suas necessidades; porque, embora conste que Vossa Magestade, para poder fazer tanto bem, corta bastante nas opulencias e ostentações da Côrte, sem comtudo comprometter o seu

fausto e esplendor, como é indispensavel, eu não sei que Vossa Magestade faça o milagre, que fazia a Sua Santa Antecessora, de converter as rosas em ouro, e não devo augmentar as magnas que soffre o bondosissimo coração de Vossa Magestade, quando não pode deferir, por não ser possivel, todas as supplicas d'esta natureza.

Todavia abalancei-me a fazer agora uma excepção, pedindo a Vossa Magestade um auxilio, que não cabia nas minhas forças, para uma necessidade domestica e social; e Vossa Magestade, em vez de extranhar a minha ousadia, desculpou-a e acolheu-a tão compassivamente que Se Dignou dizer-me que daria para essa necessidade o dobro do que pedi, ficando eu sem saber o que devia admirar mais — se a grandeza do beneficio, se a bondade adoravel e gentil com que foi concedido.

Dizem os livros santos que vale mais a palavra doce que a dadiva, mas em Vossa Magestade une-se angelicamente a generosidade da dadiva com a doçura da palavra, e a grandeza e magestade da Rainha com a caridade e humildade da mulher christã!

Que Deus Nosso Senhor proteja e abençoe esta ditosa união, porque ella é o diadema mais precioso e de maior valor que cinge a fronte da minha Augusta Soberana, e porque os fructos, que não pode deixar de produzir para o bem da religião e da patria, hão de contribuir tambem para que o Seu reinado, superadas as difficuldades financeiras que ora o enredam, appareça depois tão radioso e brilhante, como brilhante e radioso apparece sempre o sol depois das nuvens que o encobrem.

São estes os votos fervorosos, Senhora, do mais humilde dos Bispos portuguezes, e do mais obediente e mais grato dos subditos de Vossa Magestade. = Coimbra, 25 de Março de 1893.

MANUEL, BISPO CONDE.

TEMPLO DA SÉ VELHA

SENHOR:

Ha muito tempo que me contrista e penalisa o completo abandono a que está votado o templo da Sé Velha d'esta cidade, porque o Parocho e a Junta de Parochia, por maior que seja o seu zelo, não têem meios absolutamente nenhuns para prover á sua conservação, e ainda não ha muitos annos que, para concertar os telhados, foi preciso que eu desse um subsidio do destinado para esta Diocese pelo Cofre da Bulla da Cruzada.

E todavia a Sé Velha de Coimbra é o mais notavel e o mais completo monumento *romanico* de grandes dimensões que Portugal possue.

E' um facto excepcional em a nossa historia artistica (sec. XII).

Ha mais egrejas romanicas, na Beira Alta principalmente, mas são grandes capellas de uma só nave, embora extremamente interessantes. A Sé d'Evora e Alcobaça, essas são *romanicas de transição* ou degeneração para o gothico (do seculo XIII).

Do periodo primitivo e de caracter genuino, a Sé Velha é um esplendido edificio construido sem as interrupções que prejudicaram tantos outros, porque levaram seculos a construir, e o seu projecto ia sendo alterado segundo a marcha da arte atravez d'este lapso de tempo. A Sé do Porto e a Sé de Braga, começadas no seculo XIII, foram concluidas no espirito do seculo XVII. Por mais de quatro seculos se prolongou a sua edificação.

Por uma felicidade rara entre nós a Sé Velha não tem soffrido as rudes restaurações que têem deturpado muitos dos nossos mais notaveis monumentos, a não ser as duas janellas rasgadas na fachada principal, o rompimento d'um arco do *triphorium* sobre a nave lateral esquerda e parece que a demolição da torre central; tudo o mais se reduz a simples adaptações sem destruição da obra antiga.

A fachada principal voltada ao poente, segundo a orientação das egrejas antigas, tem o accrescimo barbaro do campanario ali posto em 1839 e cujo apeamento se impõe, como reparação d'um ultrage. O portico conserva apenas dois fustes de oito columnas que o ornavam, e as archivoltas fundamente carcomidas. Do lado norte a vasta composição de puro estylo renascença, em que se abre a porta outr'ora chamada *Especiosa*, é uma peça sumptuosa (sec. XVI) digna da magnificencia de D. Jorge d'Almeida que a fez construir.

Toda esta fabrica formosissima de bella renascença está a desabar, assolada mais pelo despreso e pela mão dos homens do que pela acção do tempo. O dintel, sobre a porta do qual existe uma boa reproducção em gesso no museu da Academia de bellas artes em Lisboa, é um primoroso especimen do que deveria ter sido aquella preciosa obra. Ha dois annos desabou uma parte do frontão superior; e o resto, para que se converta 'num montão de ruinas, não exige talvez o decurso de muitos annos.

O mesmo se poderá dizer da pequena porta de Santa Clara da mesma epocha e do mesmo estylo.

O altar-mór, tambem edificado por D. Jorge d'Almeida, é um exemplar unico de esculptura em madeira provavelmente de artistas allemães. Talha no genero gothico, este altar e o côro de Santa Cruz são as unicas reliquias que o paiz conserva. A delicadeza dos rendilhados, a pujante exuberancia dos detalhes, a

originalidade de toda a composição, a deliciosa feição das esculpturas, tudo isto é um assombro. Pois esta soberba obra vae 'numa progressiva ruina; faltam-lhe innumeraveis fragmentos, e todo aquelle entretecido de tenues decorações estremece e se despega ao mais leve toque. Ninguem se furta ao desgosto acre de ver como se tem deixado deteriorar ao desamparo preciosidade de tal raridade e valor.

Ao lado, o altar de S. Pedro no topo da nave lateral, graciosissimo trabalho em pedra, renascença (sec. XVI), acha-se tambem em estrago avançado. A carie da pedra, produzida pela sua má qualidade e principalmente pelas infiltrações de canalisações exteriores, ameaça destruil-o de todo.

A mesma acção da humidade se nota no grande conciliabulo dos Apostolos na Capella do Sacramento (de 1566), uma assemblea imponente, palpitante de calor e de vida, a que preside o Salvador concentrando a attenção de todas as figuras. Scena admiravel d'expressão em que a variedade das attitudes é animada 'num pensamento unico!

Na sacristia chancellada pelo brazão de D. Affonso Castello Branco penetra tambem humidade em abundancia. E no entretanto não seria difficil obstar, ao menos em grande parte, pela cessação d'essas infiltrações, á continuação d'esses damnos.

Porque afinal o que mais dolorosa torna a impressão que nos abala deante d'este desbarato é o pensar-se quão facil seria, com alguma solicitude e modestas dotações, a conservação d'este sumptuoso monumento. As abobodas e paredes do *transeptum* encontram-se revestidas de argamaça branca d'uma horrivel crueza; os capiteis caiados e até alguns cobertos por outros de madeira d'ordem composita!

Vandalismos grosseiros, cuja permanencia devia envergonhar uma sociedade civilisada.

Ha dezenas e dezenas de capiteis variados em toda a diversidade typica do estylo romanico: enlaçados geometricos, flora e animaes.

As paredes das naves são forradas de bellos azulejos hespanhoes, — modegares.

Os modegares, como se sabe, foram nas artes da peninsula os depositarios dos processos de fabricação dos arabes; e foi por elles que a tradição na ceramica, por exemplo, poude conservar-se até ao seculo XVIII. Estes azulejos formam uma copiosa collecção cheia de interesse.

Tudo concorre para o alto apreço d'este famoso templo repleto de valiosos documentos artisticos e historicos.

O pavimento é coberto de abundantes sepulturas brazonadas, de decorações bem accentuadas e caracteristicas, e ha tres estatuas *iconicas* dos seculos XIII e XIV extendidas sobre os seus tumulos assaz conservadas.

Duas especies de estragos se notam 'neste glorioso munumento, que reclamam inadiavel remedio.

Uns são o fructo dos attentados da incompetencia e da ignorancia serviçal; esses offendem a arte, conspurcam o monumento e dão um lamentavel depoimento do atrazo da nossa educação esthetica no periodo actual, em que a arte desempenha um tão importante papel na vida e na prosperidade das sociedades modernas.

Os outros estragos são mais deploraveis ainda, porque compromettem e ameaçam a estabilidade e a existencia d'estas grandes obras. 'Neste caso estão o altar-mór, as fachadas exteriores do norte, as capellas de S. Pedro e Sacramento e ainda a sacristia.

Deu-me todas estas informações o illustrado Director da eschola industrial d'esta cidade, Antonio Augusto Gonçalves, um moço

cheio de talento, de interesse e de enthusiasmo pelas nossas glorias artisticas que estuda e conhece como poucos, e por tal modo me impressionou a sua pena e desgosto por ninguem acudir á Sé Velha de Coimbra que eu disse-lhe logo: — dou-lhe já 150:000 réis. Empregue-os, como entender, no que 'nella houver de mais urgente—.

Já que infelizmente esta cidade commetteu em tempos passados o grande crime de destruir a Egreja de S. Christovão coeva d'aquella (sec. XII) para a converter em um theatro, evite-se por todos os modos que ella commetta o crime ainda muito maior de deixar perder a da Sé Velha: e como empenhados que devemos ser todos em conservar a todo o custo as nossas glorias artisticas, no que vae o brio e o decoro da nossa querida patria, evitemos tambem que os extrangeiros que visitam a Sé Velha de Coimbra juntem, como agora fazem, á sua admiração pela arte que taes coisas fez, a sua admiração pelo desleixo e incomprehensivel indifferença que taes coisas deixa perder.

A minha boa vontade porém, Senhor, não pode passar alem da concessão de egual quantia mais algumas vezes, e esta só não chega para tanto; e por outro lado eu conheço as circumstancias do Thesouro, e não quero aggraval-as, embora estejam sahindo d'elle ainda agora não poucos subsidios para outros monumentos nacionaes que, pelo menos alguns, não se recommendam mais nem tanto como o da Sé Velha de Coimbra, e que alem d'isso não correm já o perigo, que está correndo este, de se deteriorar de todo não se lhe acudindo.

Mas eu não pretendo, Senhor, liberalidades como as d'outr'ora, e é tão pouco aquillo com que me contento que, ai de nós, se o Thesouro não podesse attender-me e ajudar a salvar da ruina um dos mais antigos brazões do nosso orgulho nacional.

Da quantia que vem do producto das esmolas da Bulla da

Santa Cruzada para as egrejas pobres d'esta Diocese, em razão do meu Seminario não receber d'ellas coisa alguma por effeito do seu trabalho e da sua industria, farei o sacrificio, que não me custa pouco, de tirar áquellas a quantia de 150$000 réis para a da Sé Velha durante seis annos; e tenho a honra de pedir a Vossa Magestade que Se Digne de conceder egual quantia para o mesmo fim e pelo mesmo tempo, sendo os trabalhos da limpeza, conservação e restauração dirigidos por mim, pelo Director da Eschola industrial d'esta cidade e pelo Director das Obras Publicas d'este districto, que fiscalisará alem d'isso a applicação das quantias vindas do Thesouro.

O interesse e admiração que as raridades e bellezas incomparaveis da Sé Velha despertaram em Vossa Magestade e em Sua Magestade a Rainha, quando Se Dignaram de visitar Coimbra ha poucos mezes ainda, não consentirão por certo que se recuse tão pequena quantia para a conservação de tão grandes maravilhas da arte christã, e nem poderá deixar de interessar-se tambem muito por estas o illustrado Ministro de Vossa Magestade que está servindo e honrando a pasta das Obras Publicas com tanta dedicação pelo serviço de Vossa Magestade, e com tanta gloria para o seu nome e tanto proveito para o seu Paiz.

Assim, pois, eu ponho toda a confiança no deferimento do meu pedido, e esta graça, animando o desempenho do meu ministerio, e o meu desvelo pelo bom credito e interesse de Coimbra, augmentará mais e mais a gratidão que já devo a Vossa Magestade por muitas outras, e os votos fervorosos que faço ao Ceu pela feliz conservação de Vossa Magestade, de Sua Magestade a Rainha e de toda a Familia Real. = Deus Guarde a Vossa Magestade por muitos annos como Portugal ha mister. = Coimbra, 29 de Dezembro de 1892.

MANUEL, BISPO CONDE.

O nobre Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios das Obras Publicas, Commercio e Industria, em vista d'esta representação, expediu a seguinte Portaria :

Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria — Direcção dos serviços de Obras Publicas — 1.ª Repartição — Estradas, obras hydraulicas e edificios publicos. — Sua Magestade El-Rei ha por bem determinar que uma commissão presidida pelo Reverendo Bispo Conde e de que farão parte o Director das obras publicas do districto de Coimbra e o Director da eschola industrial — *Brotero* — seja encarregada de dirigir os trabalhos de limpeza, conservação e restauração do templo da Sé Velha de Coimbra, para cujo fim será posta á disposição da mesma commissão a quantia de 900$000 réis, distribuida pelo actual anno economico, e pelos seguintes cinco annos em quantias eguaes de cento e cincoenta mil réis (150$000 réis). = Paço em 16 de Janeiro de 1893. = *Pedro Victor da Costa Sequeira.* = Para o Ex.mo e Reverendissimo Bispo Conde.

SENHORA:

Quando Vossa Magestade Se Dignou de visitar no anno passado a Sé Velha de Coimbra, admirou tanto este venerando monumento da antiguidade e da arte christã, como lamentou o abandono e deterioração a que o tinham deixado chegar.

Felizmente vae agora prover-se de remedio a tão indesculpavel abandono pelo modo que Vossa Magestade poderá ver no incluso Jornal da Diocese — *Instituições Christãs* — a fl. 52; e eu tenho a honra de assim o participar a Vossa Magestade por me parecer que esta boa noticia agradará por egual ao sentimento artistico e ao coração religioso de Vossa Magestade.

Não me foi ainda possivel, e com muito sentimento meu, ir apresentar a Vossa Magestade os respeitos, cumprimentos e homenagens que devia ter apresentado na entrada do novo anno. Peço a Vossa Magestade que Se Digne de desculpar estas minhas faltas e sobre tudo estas minhas importunidades; e jámais deixarei de rogar a Deus Nosso Senhor que tenha sempre na Sua Santa Guarda Vossa Magestade, Sua Magestade El-Rei e toda a Familia Real.

De Vossa Magestade

Coimbra, 21 de Janeiro
de 1893.

Subdito obediente e gratissimo

MANUEL, BISPO CONDE.

SENHORA:

Por saber quanto Vossa Magestade admira e aprecia o templo da Sé Velha d'esta cidade, e por ver o interesse com que Se Digna de perguntar-me sempre pelas obras de limpeza e restauração que 'nelle se estão fazendo, tenho a honra de enviar a Vossa Magestade as photographias de dois capiteis depois de se lhes tirar a cal e argamassa que de todo os encobriam e sem se saber o que estava por baixo d'ella, trabalho este que é feito com todo o cuidado e cautella para não se deteriorar cousa nenhuma.

Pasma-se ao ver a selvageria, permitta-me Vossa Magestade dizel-o assim, com que se esconderam e se converteram por este modo em uma massa informe estas bellezas e ornatos architectonicos.

Mas, graças á civilisação e ao renascimento do gosto artistico em Portugal, este deitar a baixo da cal branca, e esta ancia de pôr a descoberto as cantarias pardacentas, e de trazer até ao pavimento com toda a sua elegancia primitiva as columnas e fustes que a ignorancia tão barbaramente mutilou, — tudo isto, que ha annos provocaria grandes protestos e alarmes dos parochianos da Sé Velha, não encontra agora senão os applausos e louvores de todos, como Vossa Magestade pode ver em um artigo do Jornal incluso, hontem publicado. Digne-Se Vossa Magestade desculparme por eu sacrificar ao desejo de informar de tudo Vossa Magestade o de occultar, como devia, umas palavras menos merecidas que diz de mim.

Infelizmente esta ancia e faina de trabalhar devia agora afrouxar, porque a dotação em cada anno de 150$000 réis pelo Thesouro e a de egual quantia pelo subsidio dado a esta Diocese pelo Cofre da Bulla da Cruzada, não dão para tanto, mas, para que tal não aconteça, eu faço um adiantamento d'esta ultima dotação; e quando Vossa Magestade voltar a Coimbra, o que oxalá não tarde muito, como é desejo meu e d'esta cidade, ha de encontrar em muitas partes restituido já á sua antiga belleza este templo venerando, que tanto merece a predilecção de Vossa Magestade, predilecção que, revelando bem o fino gosto artistico de Vossa Magestade, augmenta mais ainda o empenho que ha em expurgar de tantos barbarismos o mais notavel e mais grandioso monumento *romanico* que Portugal possue.

Continuo a fazer votos a Deus para que conserve sempre na Sua Santa Guarda Vossa Magestade, Sua Magestade El-Rei e toda a Familia Real.

De Vossa Magestade

Coimbra, 26 de Março
de 1893.

Subdito obediente e gratissimo

MANUEL, BISPO CONDE.

A SÉ VELHA

Continúa a obra de restauração na Sé Velha. E que interesse tem despertado entre os artistas. Hontem era Nicola Bigaglia que chegava para vêr rapidamente, e se demorava dias a desenhar, recommendando ao ir-se que o avisassem quando se armassem novos andaimes, que elle viria continuar a ver e a estudar.

Hans Dickel, methodicamente como um bom slavo, lá anda sempre em cima de andaimes e escadas, a desenhar muito tranquillamente a uma altura que me faz calafrios.

Battistini, que já em tempos fez varios estudos a oleo e a aguarella da Sé Velha, tem tirado photographias rapidamente, emquanto os andaimes não desarmam. E os canteiros mesmo, nas horas de folga, vão desenhando capiteis e detalhes architectonicos nos seus pequenos albuns.

Estevão Parada, sempre a trabalhar, a ver e a estudar, levando a restauração com amor, competencia e cuidado melindroso que merecem todos os nossos applausos.

Começam a ver-se os estragos feitos pelas antigas confrarias, a mutilação das columnas suspensas da aboboda, as arcarias escondidas em revestimentos lisos, as cimalhas substituidas.

Pouco a pouco a physionomia do templo vai-se modificando, e as paredes, que pareciam nuas, começam a revestir-se das antigas decorações, os capiteis caiados de branco estão hoje doirados da antiga douradura, e do pavimento da egreja vão levantar-se, base e fustes, que completem as columnas barbaramente mutiladas.

Em toda a parte as restaurações obedecem a boa orientação artistica, e será sempre facil reconhecel-as, porque os motivos architectonicos de decoração, que faltam, foram substituidos por outros apenas esboçados de modo a não offender a vista e a não prejudicar o effeito do conjuncto. Os fustes das columnas que estavam revestidos de azulejos, que os deformavam, prejudicando o effeito dos capiteis, foram postos a descoberto, e os azulejos immediatamente collocados, para que não venham a desapparecer em collecções particulares, O effeito das naves lateraes é assim muito mais elegante, e os fustes destacam, como sobre um tapete, do fundo polychronico dos azulejos. As abobadas foram lavadas com todo o cuidado, encontrando-se fragmentos de pintura que foram cuidadosamente conservados.

O templo modifica-se, e o illustrado Prelado, a quem Coimbra deve mais uma vez uma boa obra, deve sentir-se satisfeito ao ver realizar-se o que a nós nos pareceu sempre um sonho irrealizavel.

A Sé Velha era um templo mal apreciado, havia falta de documentos escriptos que se prestassem a uma erudição facil, e esta bella obra d'arte andava na litteratura patria como scenario da pittoresca lenda do Bispo negro, ou de algum romance lyrico do *tempo em que ella fôra mesquita dos moiros.* Não havia, como em *Santa Cruz*, tumulos de reis, esculpturas *em pedra que*

mais parecem em madeira, devidas a cinzel manoelino *que abrira gryphos e bestiães;* havia apenas uns tumulos de bispos, simples, de pedra, rudes e toscos, comidos pelo tempo, e o de uma princeza extrangeira de nome barbaro, e todo mutilado.

Reconhecer o valor d'esta ruina abandonada, interessar-se por uma obra apenas sonhada por artistas e leval-a a cabo, é um acto bem digno do Prelado que creou o thesouro da Sé e o vai augmentando constantemente, em lucta constante contra odios e invejas mesquinhas.

E como o templo mudou rapidamente d'aspecto!

Antigamente, no *interior* caiado e frio destacava apenas em côres de bello tapete oriental o revestimento de azulejos *mudgares* a que o tempo dera reflexos quentes de metal em fusão. Escorria o frio das paredes e ao fundo o retabulo rendilhado como uma fina obra de ourivezaria, obra cheia de vida e de originalidade, afogado no muro branco de cal, dava-nos a sensação pungente d'um morto querido repousando com um sorriso na sua mortalha branca. O sol, o quente sol parecia escorregar a medo sobre as columnas altas e finas e arrefecer d'encontro ás paredes geladas e frias. O sol, que agora entra em risos a illuminar as finas arcarias, lambendo em linguas de fogo os capiteis dourados e aquecendo em reflexos d'oiro os muros altos e as columnas esguias da pedra de Bordalo tão ruiva e tão quente. Ao centro, brilhando 'numa aureola, destaca como uma custodia ogival todo o brazonado do brazão d'um Bispo generoso e fidalgo. E que encantos este altar — todo um *novo testamento* em episodios ingenuos de artista quente: S. Lucas pintando o retrato da Virgem, em habitos ricos de grande Senhor, com um preto a moer-lhe as tintas; João, o discipulo amado, sentado em alta cadeira gothica, com as mãos afiladas e finas d'um escriptor aristocratico; e S. Marcos todo em vestes douradas de Principe!

Templo encantado em que Bispos e Princezas adormeceram sobre os tumulos, muito estendidos, as mãos postas, surprehendidos em adoração pelo cinzel magico do esculptor, e que nos parece irem acordar para rezar e celebrar.

Ha um brilho de gloria em toda a egreja, e sente-se o espirito deliciosamente embalado pela musica que se levanta toda em notas metallicas e doces da faina dos canteiros, e parece vêr-se a animar tudo e todos a figura sympathica do Sr. Bispo Conde, bom Prelado, bem digno d'este quadro, de tempos idos, em que a Arte se levantava em culto a Deus.

(Da *Gazeta Nacional,* de 25 de Março de 1893).

Lisboa, 14 d'Abril 93.

Reverendissimo Bispo Conde.

Se o tempo não me tivesse faltado estes ultimos dias, já lhe teria dito quanto lhe fiquei grata pela sua ultima carta. Lembrou-se da emoção que me causou a Sé Velha de Coimbra, este monumento admiravel, testemunho ainda vivo das nossas primeiras glorias, da lucta contra os Arabes; lembrou-se de que, 'nesta minha visita, infelizmente tão rapida, eu lhe disse que tinha tido uma das impressões mais fortes e profundas da minha vida deante d'aquelle passado heroico, perpetuado 'num enlevo religioso de reconhecimento, na linguagem sublime d'aquellas abobadas de pedra, das columnas esculpidas, dos azulejos maravilhosos, das obras de talha emfim, que fazem d'aquelle Templo um dos Monumentos mais bellos e mais completos da nossa Arte Nacional.

Lembrou-se tambem o Bispo Conde da satisfação e do interesse que me causou a noticia de se ter principiado uma obra de restauração ou, para melhor dizer, de reparação dos vandalismos commettidos por aquelles que, com cal, esconderam os capiteis cinzelados das columnas, que arrancaram os azulejos para pendurarem alguns pannos, etc. etc.

Pela sua carta vejo que os recursos de que dispõem são diminutissimos; se eu podesse, pedia ao Bispo Conde que me deixasse offerecer-lhe, e pôr á sua disposição tudo o que é necessario para levar a cabo uma obra que interressa todo o Portuguez e todo aquelle que é capaz d'apreciar o que é bello.

Infelizmente não posso, e é este o humilde e pequeno obulo que deponho nas mãos d'Aquelle que, como os Antepassados, ao Culto do seu Deus sabe unir a admiração e o respeito pela Arte na sua mais bella expressão.

Peço-lhe tambem que acceite os meus agradecimentos pela gentil offerta que fez ao Principe, e mais uma vez, Reverendissimo Bispo Conde, lhe peço que me creia sempre, com o maior respeito,

Sua muito affeiçoada

Amelia.

SENHORA:

Quando dizia ha poucos dias aos senhores Directores das Obras Publicas e da Eschola Industrial de Brotero, encarregados juntamente commigo da direcção das da Sé Velha de Coimbra, que não desanimassemos por ser pequena a dotação para estas, porque Deus Nosso Senhor nos havia de ajudar a reparar os ultrages e crimes tão barbaramente commettidos contra as decorações admiraveis da sua casa, mal esperava eu que Vossa Magestade, fazendo tão de pressa de sua Medianeira, nos viesse animar com auxilios precuniarios e, o que vale mais ainda, com palavras de tanto conforto e de tanta esperança.

Como é edificante e consolador ver uma Rainha nos annos mais formosos da vida tão apaixonada pelos monumentos da antiguidade e pelas bellezas da arte christã, e fazendo-lhes tanto bem com a protecção que lhes dispensa, e com as manisfestações do seu genio e gosto artistico!

Em meu nome, no dos habitantes d'esta cidade, e no de todos que se interessam pelas glorias artisticas da nossa patria, agradeço muito reconhecido a Vossa Magestade esta protecção, e a carta tão repassada de sentimento com que Se Dignou de honrar-me, e que é mais um testemunho da predilecção que Vossa Magestade tem por Coimbra e pelos seus monumentos religiosos, litterarios e artisticos.

Pena foi que Vossa Magestade os visse tanto a correr, e que não possa vir outra vez com mais socego admirar o muito que em todos os tempos têem inspirado os poetas e artistas estas margens do Mondego e estas vistas encantadoras de Coimbra, onde Vossa Magestade vae levantando em cada peito um throno de gratidão e de amor.

Senhora. Por occasião da visita de Vossa Magestade a esta cidade tive a honra de assistir a uma conversação muito particular e graciosa de Vossa Magestade com o Sr. Presidente do Conselho de Ministros. Dizia elle que a vida de Vossa Magestade era tambem da Nação, e que devia obstar, pela responsabilidade que lhe tocava, a que Vossa Magestade fosse arriscal-a nos hospitaes e enfermarias onde houvesse doenças contagiosas. E respondia Vossa Magestade que não conseguiriam nunca similhante cousa de Vossa Magestade, porque facilmente se metteria escondida em uma carruagem para ir aonde a chamasse a sua caridade christã, que não era nem podia ser incompativel com os seus deveres de Rainha.

E a verdade é que todos têem visto e admirado como Vossa Magestade no Porto, em Coimbra, em Leiria e em Lisboa, tem ido levar ás enfermarias dos hospitaes e aos grabatos da miseria o obulo da caridade, a consolação da palavra e a lição benefica do exemplo, sem que nunca tenham feito recuar Vossa Magestade nem os andrajos da pobreza, nem o contagio da febre typhoide, nem a agonia dos moribundos.

Esconda-se Vossa Magestade tambem para vir vêr a restauração da sua tão querida Sé Velha; e se o segredo e o incognito da Artista fôr denunciado pela gentileza e magestade da Rainha, nada soffrerá com isso o lustre e decoro da Sua Corôa, porque o fausto das comitivas e os esplendores da Côrte serão substi-

tuidos aqui pela manifestação dos nossos respeitos, e pelo cortejo dos nossos corações, formando alas e tapetando de flores os caminhos de Vossa Magestade com as suas sympathias e bemquerenças.

E em Coimbra, onde disputam primazias as capellas d'Apollo e os louros de Minerva, os esplendores da arte e os encantos da natureza, onde a formosura e os amores tragicos d'Ignez a fizeram Rainha depois de morta, e onde as virtudes e santidade de Isabel a fazem viver depois de ter morrido, estará sempre muito bem a Augusta Soberana, que, alem do sentimento do bello, tem da primeira a formosura que Deus abençoa com santos amores, e da segunda as virtudes que o seu Vigario na terra premeia com rosas d'ouro.

Senhora. Nos brindes que tive a honra de fazer a Vossa Magestade e a Sua Magestade El-Rei em Coimbra e Leiria no verão passado, tive tambem a de ponderar que, sendo obrigação dos ministros de Jesus Christo obedecer a Deus e a Cesar, era gratissimo obedecer a Cesar quando Cesar era Sua Magestade El-Rei e Vossa Magestade, que de continuo estavam dando eloquentes testemunhos dos seus sentimentos religiosos e da sua consideração pela Egreja e pelos seus ministros. Accescento agora, Senhora, que Vossa Magestade, aprofundando tanto a minha gratidão com estas considerações e bondades que não mereço, e com o auxilio e apoio que se Digna de prestar ao meu ministerio na conservação da fé e dos monumentos religiosos do meu Bispado, levanta o espirito e fortalece o animo do humilde pastor, a quem faltaram sempre as forças necessarias para suster o peso da sua cruz, e agora muito mais ainda no declinar da vida.

Bemdito seja o Senhor que, em vez das luctas que vemos em outros paizes e tão encarniçadas entre os ministros de Deus

e os de Cesar, abençoa o nosso por fórma que vemos 'nelle esta feliz harmonia entre a Egreja e o Estado, e o auxilio e coadjuvação que a nossa Augusta Soberana vem prestar aos ministros de Deus no desempenho da sua missão divina!

Algumas considerações desejava eu fazer agora, Senhora, sobre o alcance d'esta harmonia e coadjuvação para levantar o sentimento religioso, que é elemento indispensavel para a moralidade publica, para o respeito da auctoridade e para a manutenção da paz.

Não devo, porém, cançar tanto a paciencia de Vossa Magestade, e pelo mesmo motivo nada direi tambem já sobre o bem que Vossa Magestade vae fazendo á minha querida Coimbra, afervorando a devoção pela nossa Santa Padroeira com o Seu exemplo, soccorrendo os pobres com a Sua caridade, animando as artes com os Seus auxilios e desvelos, e protegendo as letras com mezadas concedidas a alumnos pobres para frequentarem a Universidade.

Os habitantes de Coimbra hão de saber agradecer melhor com os seus corações do que eu com as minhas palavras a benevolencia e predilecção de Vossa Magestade pela nossa terra, e unidos todos, — eu e elles, pastor e rebanho, — não cessaremos de pedir a Deus que abençoe e tenha sempre na Sua Santa Guarda a Illustre Princeza que veiu do Throno de S. Luiz honrar o de Santa Isabel, e das margens do Sena proteger nas do Mondego as manifestações da fé e os monumentos da arte christã.

De Vossa Magestade

Coimbra, 18 de
Abril de 1893.

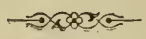
Subdito muito obediente e muito grato,

Manuel, Bispo Conde.

BRINDE A SUAS MAGESTADES

EM

COIMBRA



SENHOR:

Por differentes vezes, e na presença d'assembleas muito illustradas e distintissimas, tenho eu tido a honra de advogar 'neste mesmo salão as doutrinas da harmonia entre a Egreja e o Estado, e a necessidade d'estes dois grandes poderes se auxiliarem reciprocamente para apasiguarem as grandes crises sociaes, que ao perto e ao longe estão preoccupando todos os espiritos, e cercando de difficuldades todos os Governos.

Na ordem social e politica não quer nem aspira a outra cousa a Egreja e o seu Chefe Supremo; e é grande hoje o meu jubilo e a minha gratidão por ver que Vossa Magestade, que é o supremo Chefe do Estado, se digna de sanccionar e como que pôr o esmalte 'nestas doutrinas com esta regia visita, agora feita a Coimbra, para honrar a religião e exaltar os cultos da sua Santa Padroeira; com a honra incomparavel d'esta vinda ao meu Seminario para considerar e honrar uma casa de padres e de ministros da Egreja; e finalmente com o que 'neste sentido se tem dignado de manifestar e dizer hoje, e que tanta honra faz a um Rei Catholico.

Tudo isto ficará para sempre registado com lettras d'ouro 'neste Seminario, assim como para sempre ficarão tambem registadas no meu coração as bondades, tão singulares e captivantes, com que Vossa Magestade se tem dignado de honrar e confundir o mais humilde dos Bispos portuguezes, mas não o menos leal e dedicado ao seu Rei e á sua patria.

Senhor: — Podem ser grandes os infortunios com que a Providencia Divina queira provar mais ainda o honrado e brioso povo portuguez, mas jámais sossobrará no meio d'elles, porque Deus não o ha de abandonar, e porque o seu Rei, piedoso, illustrado e forte, ha de tornar mais forte ainda a forte gente.

Nesta esperança, pois, que é a esperança de nós todos, eu tenho a honra de saudar, cheio de alegria, de respeito e gratidão, em meu nome, e em nome do meu Seminario e de todos estes clerigos, o nosso Rei Fidelissimo, que, hasteando por egual a bandeira da cruz e a bandeira das quinas, ha de procurar força e apoio para o seu throno, paz e felicidade para o seu povo, na religião e nos seus ministros, e não na impiedade e nos livres pensadores; no direito, na justiça, na moral e na obediencia ás leis, e não nos calculos da politica, e nas suggestões interesseiras e apaixonadas dos partidos; e finalmente na bemquerença e amor do povo portuguez, conquistado por exemplos de moralidade publica, como Vossa Magestade e Sua Magestade a Rainha sabem dar, e não nas baionetas dos soldados, pagos pelos cofres do thesouro publico, embora não se afastem da fidelidade que distingue o exercito portuguez.

Saudo o nosso Rei Fidelissimo, que, sabendo muito bem que a importancia das nações não está na extensão dos seus territorios, nos montes do seu ouro, nas legiões dos seus exercitos e nas armadas dos seus navios, mas no poder milagroso da sua fé, na austeridade da sua moral, no ardor e enthusiasmo do seu patriotismo, e na sua cooperação, illustrada e civilisadora, para o bem da humanidade, ha de despertar em todos os seus subditos estas virtudes civicas e christãs, que são o cimento mais forte dos thronos, com o seu exemplo e com o seu valor para, levantando

.....

Braço forte de gente sublimada
Não menos nos engenhos que na espada,

.....

Tornar-nos nossas forças o Rei novo
Se é certo que c'o Rei se muda o povo.

Tenho a honra de saudar tambem Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Amelia, que, vindo das margens do Sena fulgurar com tanto brilho nas margens do Tejo, não pelos esplendores da realeza e pelo porte elegante e gentilissimo da sua figura, mas pelas formusuras do seu coração, sempre fazendo bem, e sempre rescendendo a doce fragrancia das mais santas e

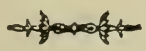
delicadas virtudes, acaba de receber do Vigario de Christo na terra um merecidissimo premio para as suas boas obras, e uma grandissima honra para o seu paiz.

Saudo a nossa Augusta Soberana, a filha predilecta e premiada do grande Leão XIII, saudo a Mulher christã e a Mulher forte do Evangelho, que, sabendo converter como eu já aqui disse, as rosas no dinheiro de Isabel, e o soccorro aos necessitados e as consolações aos afflictos em joias preciosas da sua corôa, é a honra e a gloria do seu throno, e o anjo bom de Portugal.

Saudo, finalmente, Sua Alteza o Principe Real, este encanto e alegria do presente e esta lisongeira e promettedora esperança do futuro, que nos prende e captiva a todos com a sua formosura e graça infantil, com as felizes alvoradas do seu espirito, e com as canduras e purezas do seu coração, que os seus Augustos Paes, tão louvavelmente, principiam já a formar com os seus desvelos e bons exemplos.

Que Deus Nosso Senhor abençoe estas saudações e os sentimentos e votos que ellas exprimem, sentimentos e votos que estão inscriptos 'nestas paredes e gravados nos corações de nós todos.

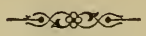
Viva Sua Magestade El-Rei, o Senhor D. Carlos I.
Viva Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Amelia.
Viva Sua Alteza, o Principe Real.
Viva Sua Alteza, o Serenissimo Senhor Infante D. Manuel.
Viva Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia.
Viva Sua Alteza, o Serenissimo Senhor Infante D. Affonso.



BRINDE A SUAS MAGESTADES

EM

LEIRIA



SENHOR:

Foi grande a honra que Vossa Magestade e Sua Magestade a Rainha Se Dignaram de conceder-me ha pouco tempo em Coimbra: é maior ainda a que Se Dignam de conceder-me agora em Leiria, escolhendo este Paço deshabitado e desprovido para 'nelle Se hospedarem na sua visita a esta cidade, e realçam sobre tudo esta honra as bondades tão singulares com que Vossa Magestade Se Digna considerar esta Diocese, e confundir o seu humilde pastor.

Senhor.—Obedecer a Deus, e, depois de Deus, obedecer a Cesar é doutrina catholica sempre por mim prégada com a palavra e com o exemplo, e da qual não pode nunca afastar-se quem for verdadeiramente christão.

E se, quando Jesus Christo proclamou com tão admiravel concisão esta doutrina que abrange o ceu e a terra, as almas e as consciencias, os espiritos e os corações, Cesar era Nero e Tiberio, como pode haver em Portugal quem se recuse a respeitar e obedecer a Cesar, quando Cesar é Sua Magestade El-Rei, o Senhor Dom Carlos, e Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Amelia, que, de continuo e por toda a parte, estão dando eloquentes testemunhos dos seus sentimentos religiosos, da sua consideração e respeito pela Egreja e pelos seus ministros, e das suas virtudes christãs, sociaes e domesticas?

Não sou eu que as apregôo, porque não é para tanto a rudeza da minha palavra, e porque me impediriam de o fazer os receios e melindres do meu ministerio, para não se dizer que o Bispo Catholico sacrifica aos seus agrados para Cesar os seus agrados para a verdade e para Deus.

E' o grande Pontifice Leão XIII, o grande vulto d'este seculo na religião e na politica, nas sciencias e nas letras, que as apregôa, proclama e consagra á face da Europa e do mundo inteiro.

Pois quem não vê a devoção e piedade com que Suas Magestades, mal chegados a Coimbra e a Leiria, vão logo, e antes de tudo, ajoelhar e orar perante a Magestade Divina, ouvir o santo sacrificio da Missa, e implorar o auxilio e protecção das santas Padroeiras das duas Cidades?

Quem não vê esse rasto de beneficios e de bençãos, e não ouve esse côro unisono de louvores, que Suas Magestades deixam sempre atraz de si em todas as terras a que vão, pelas artes que animam, pelas industrias que favorecem, pelas sciencias que protegem, pelos necessitados que soccorrem, pelos afflictos que consolam, pelos desvalidos que amparam, e pela affabilidade e doçura, tão natural e espontanea, com que a todos prendem e captivam?

E no meio d'um luxo exaggerado a que chegámos, e que tanto mal está fazendo aos bons costumes, ás familias e á sociedade, quem não ouve, como eu tenho ouvido, elogios e louvores a Sua Magestade a Rainha pelo bom exemplo que está dando com a modestia e simplicidade do seu traje nos annos mais risonhos da sua mocidade, modestia e simplicidade que fica tão bem, e sobresahe tanto na sua dignidade de Rainha e na sua formosura de Mulher, como sobresahe nas mais bellas e mimosas flores o aroma delicioso e suavissimo da humilde e modesta violeta?

Como a Santa Esposa do Sr. Dom Diniz, que, na escarpa d'este monte e aqui mesmo tão perto de nós, viveu vida santa e amargurada, e que para as suas amarguras só encontrava consolação nos seus extasis d'amor divino e nos suspiros e anceios constantes da sua alma pela eterna gloria, — como não exultará ella agora no ceu, vendo 'nestes logares, que tanto santificou com as suas orações, e regou com as suas lagrimas, uma Herdeira tão digna da Sua Corôa, e tão imitadora das suas virtudes?—Como não bemdirá a sua sorte, tão differente a d'ella na terra, porque, em vez das guerras internas e externas que a amarguravam, e lhe despedaçavam a alma, tem a virtuosissima Esposa do Sr. Dom Carlos a paz do seu reino, as bençãos de seu povo, o amor e adoração de seu Esposo e as ternuras e encantos dos seus filhos a tapetar-Lhe de flores os caminhos da vida, e a inundar-lhe de santas alegrias o seu coração bondoso e amantissimo de Rainha, de Esposa e de Mãe?

Senhor.—O ministro de Jesus Christo, a quem está cabendo a honra de levantar a voz perante Vossa Magestade, cheio de respeito, de humildade e de obediencia, mas tambem cheio de força e sempre indefectivel na sua missão de dizer a verdade aos Reis e aos povos, não pode deixar de louvar

com todas as veras da sua alma as crenças religiosas e moraes que tanto resplendecem na Corôa Portugueza, e que são um protesto contra aquelles que pretendem que se governe a sociedade sem Deus, sem templos e sem altares, e que se substitua a moral santa do Evangelho, á qual devemos os esplendores da civilisação de que gosamos, por uma moral evolucionista, independente e fundada na idea do bem moral, que se resumiria no *Quidquid placet sanctum.*

Que seria da sociedade, se para ella não houvesse áquem da campa senão esta moral, e *au delà* senão o nada?

Que seria d'ella ainda, se além da sua força publica, e de seu poder material, não houvesse outro poder que imperasse nas consciencias e nos corações, e que não tivesse outra sancção, senão as penas do codigo penal, os ferros das prisões e as costas africanas?

A força e o poder material podem intimidar os animos, constranger as vontades e trucidar os corpos, mas não podem subjugar e anniquilar as almas, vencer as consciencias e conquistar os corações.

Digam a um exercito, por mais aguerrido que seja, que vá civilisar povos e captivar corações com a sua espada, como civilisa aquelles e captiva estes o ministro de Christo com a sua cruz e com o seu Evangelho.

Digam a esses innovadores dos nossos dias, que façam com a sua força e com o seu ouro cortejos civicos aos seus heroes, como nós fazemos procissões á Rainha Santa em Coimbra só com a nossa fé e piedade christã.

Digam a esses espiritos fortes e avançados, que se lembram de affrontar o sentimento religioso do paiz com a liberdade de cultos, que ponham assim os Bispos á vontade para irem para o meio dos povos com a sua cruz, com seu baculo e com a sua mitra prégar dentro das leis a favor da religião catholica e contra os que a perseguem, e verão depois o que são luctas e difficuldades governativas.

Em Vossa Magestade, porém, que tanto está honrando as tradições religiosas do seu throno com a sua illustração e piedade, e no seu Governo, que está envidando os mais louvaveis esforços para bem servir o paiz com o seu muito talento e reconhecida energia e probidade, tem felizmente a Egreja portugueza, e temos nós todos, um penhor seguro de que jámais se chegará em Portugal a taes excessos.

Que a religião catholica, pois, sem mundanalidades e exaggerações; que

este grande poder das almas e das consciencias; que este symbolo santo da paz e do amor entre os povos; que esta grande força moral que d'um punhado de terra fez uma nação que avassalou mares e continentes, e que dos nossos avós

Em perigos e guerras esforçados
Mais do que promettia a força humana

fez egualmente um passado de glorias, que é ainda hoje a honra do povo portuguez, e o grande brazão do orgulho nacional; que esta religião santa, finalmente, com as doutrinas que préga e com as virtudes que inspira seja sempre o apoio e a força do throno de Vossa Magestade, e a bussola que dirija e guie constantemente a nau do Estado 'neste mar revolto e procelloso das paixões humanas.

Não tenha, pois, Vossa Magestade nem o Seu Governo receio algum de auxiliar e dar a mão á Religião e aos seus ministros, porque ou a sociedade portugueza se salva ajudada pela religião, ou se perde corrompida pela impiedade e esphacelada pela revolução.

O clero e os Bispos portuguezes não querem resuscitar antigos regimens, nem aspiram a predominios politicos e temporaes dos tempos que lá vão. O que elles querem é procurar o bem das almas e o bem da sua patria, adorar o seu Deus no Ceu, e respeitar e obedecer ao seu Rei na terra.

Viva Sua Magestade El-Rei, o Senhor D. Carlos.
Viva Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Amelia.
Viva Sua Magestade a Rainha, a Senhora D. Maria Pia.
Viva Sua Alteza, o Principe Real.
Viva Sua Alteza, o Serenissimo Senhor Infante D. Manuel.
Viva Sua Alteza, o Serenissimo Senhor Infante D. Affonso.

APPENDICE

Com espanto e admiração de muita gente publicou-se nos Jornaes o seguinte:

«O architecto sr. Possidonio da Silva occupou-se hoje, na commissão dos monumentos, da restauração das columnas e nave central da Sé Velha de Coimbra, considerando a obra que se está alli fazendo um attentado contra o pensamento original do architecto que delineára o edificio. Resolveu-se chamar a attenção do governo para esse facto.»

O que se tem feito e está fazendo na Egreja da Sé Velha é tirar a cal e argamassa que escondiam aquelles riquissimos capiteis, e trazer até ao pavimento as columnas que a ignorancia e o maior de todos os crimes artisticos cortou a mais de meia altura, e é isto feito com tal arte e tal apuro que até nem quasi se conhece o que era a columna antiga e o que é a moderna.

Em que póde este trabalho *attentar contra o pensamento original do architecto?*

Pareceu-nos que não seria verdade o que os Jornaes publicaram, até porque, estando as obras da restauração da Sé Velha a cargo d'uma Commissão nomeada pelo Governo, pedia a cortezia e a lealdade que outra entidade, tambem de caracter official, ou viesse ver o que se fazia, ou pedisse informações á mesma Com-

missão antes das reclamações que fez e que atirou para o público, como posteriormente se viu ser verdade.

Quando o estado de ruina da Sé Velha era tal que nós tivemos de dar um subsidio para se concertarem os telhados; quando d'este templo venerando se fez um armazem de altares e de santos trazidos d'outras Egrejas, chegando com elles a taparem-se algumas portas, e a encobrirem-se muitas das bellezas e das fórmas architectonicas d'este grandioso monumento da arte christã; quando os tenues rendilhados de madeira do altar-mór eram escalavrados com os prégos dos armadores para os cobrirem de trapos na occasião das festas, não vinham de Lisboa nem appareciam nos Jornaes reclamações algumas contra o que se estava fazendo na Sé Velha.

Reclama-se agora, quando se estão empregando os maiores sacrificios e dedicações para se restaurar tudo mediante a reconhecida competencia e finissimo gosto de Antonio Augusto Gonçalves, que é inquestionavelmente um dos homens mais sabedores da arte antiga em Portugal.

Não admiramos nada d'isto, porque sabemos já por longa experiencia, propria e alheia, que não é facil emprehender-se e conseguir-se, aqui principalmente, cousa alguma que boa seja sem difficuldades, sem luctas e sem contradicções.

Quando os nossos venerandos Antecessores, de sempre respeitabilissima memoria, o Sr. D. Miguel da Annunciação e o Sr. D. Francisco de Lemos construiram, um o Seminario e outro o Jardim Botanico, soffreram violenta opposição, e foram crivados de acerbos desgostos por causa d'estas duas grandes obras, que hoje todos applaudem e admiram, e que são a gloria do paiz, da Universidade e do Bispado de Coimbra.

E nós, que somos o mais humilde dos seus successores, e que nem de longe podemos imital-os nas obras, nos fulgores do genio

e nos bens da fortuna, ainda assim não escapa a luctas e contrariedades a nossa humildade.

Quando pela primeira vez em Portugal se illuminaram a gaz a Egreja do Seminario e depois a da Sé Cathedral, não houve accusações e censuras que não se escrevessem em prosa e até em verso, por causa d'esta innovação que reputavam uma irreverencia e offensa ao culto divino: — quando, entre outras obras, se substituiu o pavimento da Sé Nova, que era de calçada já deteriorada e desigual, e de suppedaneos velhos de madeira que encobriam parte dos soccos das grandiosas cantarias d'aquelle templo, tornando-os desproporcionados, substituição feita pelo pavimento que ora lá está offerecendo a commodidade, asseio e belleza que todos louvam, não foram poucas as opposições que se encontraram: — quando se fizeram no Seminario as obras grandiosas, que hoje todos admiram, chegaram até ao Vaticano as accusações e censuras que levantaram por causa d'ellas: — e quando finalmente se construiu e organisou o grande e preciosissimo Thesouro da Sé Cathedral, que chama aqui muita gente de fóra, e que, apezar de não estar ainda concluido, é já muito admirado por nacionaes e extrangeiros, que despeitos, que más vontades e injustiças têem resfolgado por este motivo ao perto e ao longe?!

Mas estes maus sentimentos passam e as obras ficam, e quem não tiver animo para arrostar com elles pouco ou nada fará.

Ha de acontecer, pois, com as obras da Sé Velha o que tem acontecido com as outras a que nos referimos; e se os senhores, que se queixaram d'ellas, viessem ver e comparar os pontos que já estão limpos e restaurados com os outros correspondentes que ainda estão cobertos de cal e com as columnas cortadas, certamente sentiriam terem sido illudidos na sua boa fé com informações menos verdadeiras e menos escrupulosas.

Felizmente nós sabemos que os dignissimos Directores das Obras Publicas e da Eschola Industrial de Brotero, que dirigem estes trabalhos com tanto zelo e proficiencia, estão cada vez mais empenhados no proseguimento d'elles, e isto muito nos contenta.

Não queriamos nem deviamos publicar a carta que sobre este assumpto nos dirigiu ha poucos dias o Director da Eschola Industrial, Antonio Augusto Gonçalves, por nos fazer 'nella algumas referencias todas de favor e que não merecemos, mas resolvemos publical-a para mostrarmos tambem com ella que estão do nosso lado as pessoas sensatas e a opinião publica de Coimbra.

Alem d'isso, Dignando-Se Sua Magestade a Rainha de proteger e auxiliar as obras da Sé Velha, achamos 'neste facto mais um motivo que nos obriga a dar estas explicações.

Coimbra, 22 de Maio de 1893.

MANUEL, BISPO CONDE.

Ill.mo Ex.mo e Rev.mo Sr. — O despeito mal contido ousou lançar suspeições sobre o discernimento com que estão sendo conduzidos os trabalhos de restauração na grandiosa Sé Velha; e tanto bastou para que de todos os lados, na imprensa local e de fóra de Coimbra, se levantassem energicos e leaes protestos contra a injustiça da apreciação.

Folgo de certificar a V. Ex.a que os serviços até hoje executados têem

tido a approvação e o apoio de todos os homens cultos, cuja opinião é respeitada e faz fé. E os applausos unanimes do publico, que quotidianamente visita o edificio, são a significativa e espontanea manifestação de que a benefica e gloriosa iniciativa de V. Ex.ª se traduziu numa obra util, que bem merece da gratidão do paiz.

Que a bondade de V. Ex.ª me permitta não calar a viva satisfação que este facto me causa; e me não regeite a offerenda das mais respeitosas felicitações, como tributo da minha emoção e do meu enthusiasmo ante o aspecto do precioso templo, sob os auspicios de V. Ex.ª restituido á magestosa simplicidade da sua harmonia e belleza primitiva.

Tenho a honra de me subscrever

De V. Ex.ª

Coimbra, 19 de maio de 1893.

admirador e criado obrig.mo

A. Augusto Gonçalves.

ADVERTENCIA

Desejavamos publicar em Photo-gravura a carta de Sua Magestade, de 20 de Março de 1893, e que se lê a paginas 33 e 34, e para este fim a enviámos para Madrid ha muito tempo, e já uma parte d'ella foi publicada em Photo-gravura na *Illustração Hespanhola e Americana* com a nitidez que se admira em todos os trabalhos d'aquella excellente *Illustração;* mas as respectivas chapas da Photo-gravura, expedidas de Madrid já ha tempo, ainda aqui não chegaram; e, receando nós que lhes aconteça como a umas Photographias que enviámos para Madrid, e que tardaram mais de um mez a lá chegar, vemo'-nos na necessidade, que muito sentimos, de prescindir de taes chapas, e de publicar impressa a carta de Sua Magestade.

Lisboa

20 de Março
de 1893.

Reverendissimo Bispo Conde,

Acabo de saber que a
vinda a Lisboa do Bispo-
Conde refere-se a um
negocio que attamente me
interessa, visto tratar-se do
Mosteiro de S.ta Clara
Alli n'aquelle Claustro

dormem os restos sagrados d'
Izabel, da Rainha Santa,
que, um dia, tive a felicidade
de poder contemplar e venerar.
Ouvi que as recolhidas, ou
pupillas a quem é confiada
a honra de vigiar o
Encanto da Santa estão
na maior miseria em
consequencia da morte

da ultima freira e que,
para ellas poderem viver e
não abandonarem o encargo
a ellas transmittido por
tantos seculos de devoção,
teve o Bispo-Conde de
fazer um requerimento
predindo ao governo uma
mensalidade de 8$000 ⅟
para cada uma das
respeitaveis senhoras. Tambem
sei que o mosteiro carece

de reparações urgentes, e que
tanto para estas como para
trabalhos annuaes indispensaveis
para não deixar cahir tudo
em ruina, nem um real
existe.

Tenho fé e confiança
que a minha profunda
e humilde devoção pela
Rainha Santa, me permitte
em offerecer a minha cooperação
em tudo que puder ajudar
a perpetuar o seu culto

Se pois o Bispo-Conde
encontrar qualquer difficuldade
em obter, tanto as mensalidades
para as recolhidas, como
a somma annual de 100$000$
que me dizem ser o
indispensavel para as obras
do Convento, terei o maior
gosto em pôr ambas estas

guarnicias á sua disposição.

Peço-lhe de ver n'isto, alem da minha veneração para com a Santa Padroeira de Coimbra, um testemunho, alias bem pequeno, do respeito e digo tambem da veneração que tenho pelo Bispo da antiga Cidade.

Peço-lhe Reverendissimo
Bispo-Conde me creia
sempre
Sua muito affeçoada,

Amelia

Em virtude de pedidos e ponderações que nos fizeram para esperarmos mais algum tempo pelos clichés da Photo-gravura, chegaram finalmente estes clichés vinte e um dias depois d'aquelle em que foram despachados em Hespanha. É este o motivo por que vae fóra do seu logar a Carta de Sua Magestade em Photo-gravura; o que muito sentimos.

MANUEL, BISPO CONDE.

BX
2629
C6A43

Coimbra (Diocese) Bis
1893 (Manuel)
Os mosteiros de Lor
e de Santa Clara

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POC

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRA

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 14 20 07 014 3